

DOSSIÊ:

*Imprensa, impressos e
história da educação*

*Entre histórias e arquivos na Proletária de Merity:
trabalhando conceitos com a memória de
seus relatórios anuais entre 1921 até 1948*

*Among stories and archives in the proletary of Merity: working concepts
with the memory of its annual reports between 1921 until 1948*

Caruaná Guatara Oliveira Frescurato*
Fernando César Ferreira Gouvêa**

Resumo: O presente artigo visa apresentar o papel histórico dos relatórios anuais produzidos pela Escola Proletária de Merity, entre os anos de 1921 até 1964. Não se trata meramente de um trabalho de indicação de atividades, apenas para registro, mas da análise do sistema pedagógico e organizacional da escola. Sempre recordando a memória, através de documentos escolares, unindo várias memórias de quem a construiu direta ou indiretamente, vivendo o cotidiano da escola, sendo contada por seus relatórios. Não deixamos de salientar o fato de que não se trata apenas da organização de uma memória singular, vista por Armanda Álvaro Alberto, perante a escola de sua

Abstract: The present article aims to present the historical role of the annual reports produced by the Merity School of Education, not merely a work of indication of activities, only for registration, but for the analysis of the pedagogical and organizational system of the school. Always remembering the memory, through school documents, joining various memories, the one who built it directly or indirectly, living the daily life of the school, being told by its reports, while noting that it is not just the organization of a unique memory, seen by Armanda Álvaro Alberto before the School of his creation, because he uses his personal documents, but, rather,

* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de História da Educação Latino-Americana (LHELA). *E-mail:* vjdobf@gmail.com

** Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da mesma universidade. Coordenador do Laboratório de História da Educação Latino-Americana (LHELA). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. *E-mail:* gouveafcf@uol.com.br

criação, pois se utiliza de seus documentos pessoais, mas, sim, fazendo a construção da memória social dessa instituição de ensino.

Palavras-chave: Arquivo escolar. Escola Proletária de Merity. Memória escolar.

building the social memory of this educational institution.

Keywords: School Archive. Proletarian School of Merity. School Memory.

Introdução

A pesquisa sobre as instituições escolares, utilizando arquivos e documentos, guardados nestas instituições ou não, teve um aumento significativo no início de 1990 (FURTADO, 2011). Desta forma, abre-se uma ampla perspectiva para a historiografia educacional no Brasil, com o advento da valorização dos arquivos escolares:

Os arquivos escolares têm emergido nos últimos dez anos como temática recorrente no campo da história da educação. Relatos de experiências de organização de acervos institucionais, narrativas sobre as potencialidades da documentação escolar para a percepção da cultura escolar pretérita (e presente), publicação de inventários e guias de arquivo, elaboração de manuais e reprodução de documentos vem mobilizando investigadores da área, renovando as práticas da pesquisa e suscitando o uso de um novo arsenal teórico-metodológico (VIDAL, 2005, p. 71).

Trabalhar com a documentação arquivista não é um papel exclusivo do historiador, embora o mesmo não foque sua pesquisa apenas nos arquivos físicos, o arquivo é uma parte importante e fundamental do historiador, seja um arquivo público, privado ou familiar. O campo pedagógico, principalmente aquele relacionado à história da educação brasileira, ampliou seu campo, em uma perspectiva que, ao estudar os processos históricos que estruturaram conceitos e práticas pedagógicas no mundo escolar, é de fato compreender como se deram tais ações dentro do mundo escolar. Ao trabalhar com as fontes, como aquelas que estão em arquivos, mas, não exclusivamente, revelou-se esta ser parte sumariamente importante do trabalho historiográfico.

O caminho mais usual é aprofundar esse debate e não o trabalho das fontes em si. Neste lugar, o trabalho deste artigo carrega com os dois lados,

com a historiografia, compreendendo a fonte, no sentido da empregabilidade de conceitos e nas noções para desvendar o máximo de informações que a fonte carregava, mesmo que indiretamente. Sobre os conceitos entre Memória e História, é pertinente observar que estão intrinsecamente ligadas, porém diferem uma da outra. Le Goff (2015), nesse sentido, apresenta a História como algo único, com vários sentidos e acontecimentos que vão se interligando, graças à relação entre indivíduos dentro de suas determinadas sociedades, que vão elencando a sua importância; sendo assim, a História é “uma ciência da mutação e da explicação da mudança” (LE GOFF, 2015, p. 17).

O conceito de Memória utilizado ao longo deste trabalho vai de encontro com o empregado por Michael Pollack (1989), principalmente no que tange ao uso da memória e do esquecimento. É aqui que para Pollack a Memória se distancia da História, pois, se para a mesma são os indivíduos que vão dando importância, construindo, a memória pode ser individualizada, carregada de importância e relevância apenas para o seu portador. Logo, os conceitos de Michael Pollack (1992), no que concerne à relevância das memórias locais na construção da sociedade e, principalmente, as memórias subterrâneas, são fundamentais na escolha do referencial teórico para contar a história das memórias que, muitas vezes, são silenciadas ao longo do tempo. Além das contribuições de Pollack, os aportes de Saviani (2004) são norteadores do trabalho com as ideias pedagógicas e da História da Educação em caráter mais amplo, principalmente na questão do tratamento e da importância dos arquivos escolares, como fonte histórica de pesquisa para a História.

Cabe levantar que a escola é o lugar repositório (por muitas vezes um verdadeiro depósito)¹ dessa documentação, que conta a sua própria história, por isso a importância da pesquisa nesses documentos escolares. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 4.024, de 1961, já apontava a obrigatoriedade das instituições escolares de organizarem seu acervo documental (RIBEIRO, 1992). Entretanto, não foi isso o que ocorreu na prática.

São esses documentos que dão o tom e que, aos quais muitas vezes, não se dá a devida importância: diários escolares, fotografias de diversas situações escolares, as primeiras turmas e os(as) primeiros(as) alunos(as) da instituição escolar, os relatórios escolares que contam a vida da escola, como a frequência, as adversidades, também o projeto pedagógico e como aquela escola está desenvolvida no meio social; logo o começo de tudo

(MIGNOT, 2006). Preservar é, acima de tudo, conhecer e estudar as práticas diárias, a história escolar e os caminhos percorridos para o amadurecimento pedagógico, ao longo do tempo.

É primordial conhecer a instituição que se pesquisa, para compreender quais tipos de documentos foram arquivados e qual o teor que continham. Isto contribuiu para a compreensão das nomenclaturas e dos conceitos das palavras. Um exemplo que será empregado aqui é o termo “eliminado”, usado recorrentemente nos relatórios anuais da Escola Regional de Merity, documento aqui pesquisado, para se referir aos(as) alunos(as) desligados(as), por diversos motivos, da instituição. Um termo carregado de significados, conceitos e simbolismos se olharmos pelas lentes do nosso tempo, porém, ao pesquisar no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), os mapas de frequências escolares do Departamento de Educação Pública, o termo já era utilizado em 1919, para designar o desligamento de qualquer aluno(a) das diversas instituições escolares; logo antes mesmo da criação da Escola Regional de Merity, esse termo já era utilizado pelo estado. O exemplo citado torna-se relevante, a fim de evitarem-se anacronismos por parte do(a) pesquisador(a), principalmente.

Esse tipo de cuidado é necessário principalmente no aspecto da análise dos documentos, em que se procura respeitar a fidelidade do texto original. Neste sentido, Tereza Kirschner (2008) apresenta a importância de se compreender o jogo de palavras utilizadas em determinados períodos históricos.

Aprender os significados do vocabulário político em períodos de mudanças aceleradas é um desafio para o historiador. A coexistência de antigos e novos significados em determinados termos traduz a velocidade das mudanças no espaço de experiência dos atores sociais e revela, ao mesmo tempo, como as novas situações que rapidamente se sucedem estão sempre submetidas à necessidade imperiosa de subsumir-se à mesma linguagem, ou seja, ao conjunto de palavras disponíveis (KIRSCHNER, 2008, p. 54).

Quando se transcreve um texto antigo ou se cria uma adaptação para a atualidade, no contexto empregado, acaba-se perdendo informações, então, buscamos levar em consideração os aspectos históricos do texto, para não correr o erro do “achismos” ou da dualidade das palavras e,

dependendo das perguntas no nosso tempo, podemos criar um anacronismo, contextualmente descolado no sentido temporal, aplicando conceitos fora do seu tempo, de seu contexto. Sendo assim, teremos como fundamento norteador, sobre o aspecto dos documentos trabalhados, o sentido de que

o passado nunca será plenamente conhecido e compreendido; no limite, podemos entendê-lo em seus fragmentos, em suas incertezas. Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 77).

Desta forma, o trabalho com as informações obtidas nos documentos compreendendo que “o que foi produzido e acumulado muitas vezes se perdeu com o tempo ou com a incúria” (BACELLAR, 2005, p. 44), mas as quais podem ser complementadas com diversas fontes. No caso deste artigo, para além dos relatórios anuais.

Os documentos têm um cunho ideológico, visto que são carregados de significados e isto não se dá de forma distinta, em relação aos relatórios anuais da Escola Regional de Merity. No sentido mais amplo, os relatórios tinham como objetivo dar um formato e escrever a identidade da escola. Os relatórios assinalavam o processo pedagógico da escola. Os seus caminhos e descaminhos, entre acertos e falhas.

Seguir pelos fios da memória, através dos relatórios é compreender que este arquivo seria um “conjunto de documentos que remeteriam a diversos acontecimentos que ocorreram numa dada ordem social” (BIRMAN, 2008, p. 115), com os caminhos, as ideias, os ideais e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

A maior parte dos arquivos brasileiros oferece condições precárias. É comum a ausência de espaço adequado ou a falta de cuidados no trato dos documentos. Diferentemente desta situação, os arquivos do PROEDS, APERJ e do CEPEMHED se encontram em excelente estado de conservação e organização, o que facilita o trabalho de qualquer pesquisa que tenha como objetivo o levantamento bibliográfico e de fonte primária.

A Proletária de Merity e a sua forma de se comunicar: os relatórios como fonte histórica

Um dos principais documentos para o embasamento deste trabalho foram os relatórios anuais escritos por Armanda Álvaro Alberto, visto que eram distribuídos entre os colaboradores e simpatizantes da escola, com conteúdo constituído pelo cotidiano da instituição, balanço financeiro, as possibilidades e os resultados pedagógicos, frequências escolares, a situação da saúde dos(as) alunos(as) e a previsão das atividades, assim como as necessidades da escola. Sem esse material, seria quase impossível saber como eram as práticas e o projeto educacional-político-pedagógico, porém, para não correr o risco de construir uma visão unilateral da história da instituição, escrita por Armanda, é necessária a inclusão de outras fontes para a pesquisa, principalmente os jornais que circulavam no período e os relatórios do Departamento de Educação do Estado do Rio de Janeiro, para confrontar as diferentes fontes de informação. Essa metodologia foi necessária para comprovar a veracidade das informações que os relatórios anuais continham, sendo este aspecto comprovado na sua totalidade em tal procedimento.

Aqui, cabe destacar duas formas de divulgação dos trabalhos realizados na Proletária de Merity: a imprensa, sendo o jornal o principal veículo divulgador e os Relatórios Anuais, material produzido pela Escola para divulgar suas ações para os colaboradores, no final de cada ano.

Ao analisar qualquer tipo de documentação, de preferência a impressa ou a escrita, precisa-se compreender a relação daquele escrito com “quem” o escreveu, é o que Eliane Mimesse Prado (2016) ressalta sobre as fontes documentais na pesquisa sócio-histórico, educacional e o questionamento à fonte em que relativamente estaremos pesquisando, ou seja, perguntar e reperguntar, sem esperar uma resposta propriamente pronta, mas, sim, o caminho para diversas outras perguntas:

Mas, a verdade detectada em um determinado acontecimento, nunca será a realidade pura, como ocorreu, porque estamos sempre fazendo uma reinterpretação do que se passou. São necessárias, deste modo, a elaboração de hipóteses, por contribuírem com os questionamentos a serem feitos aos documentos. O caminho a ser seguido na pesquisa é determinado em função das hipóteses levantadas pelo pesquisador. Essas hipóteses serão analisadas, comprovadas ou não e, suscitarão outras hipóteses, é um trabalho contínuo de descobertas (PRADO, 2016, p. 125).

Era necessário, então, pesquisar na imprensa o que se pensava sobre a Escola, as informações que circulavam sobre a mesma e, principalmente, a veracidade das informações fornecidas nos Relatórios Anuais, em uma

comparação de dados, que poderia revelar o que de fato acontecia na Instituição e que a levou a ter destaque na região. Aqui será apresentado o material encontrado nos jornais *A Manhã* e *O Jornal* sobre as atividades na Escola Regional, sendo o primeiro de 1948, e o segundo, de 1927.

O jornal *A Manhã* lançou uma pequena matéria com o título de “Pela primeira vez tomaram leite”. A nota do jornal descreveu como andavam as atividades na Escola Regional de Merity em 7 de julho de 1948:

Enquanto os meninos faziam várias demonstrações de coro orfeônico e, numa sala, perto de nós, um bem afinado “regional” dava os seus últimos ensaios, verificávamos na carpintaria. “Tesouras de construções”, miniaturas de elevadores de obras e pontes de madeira, feitos por crianças que ali, muitas vezes, tomavam o seu primeiro copo de leite ou conheceram o mar, nas excursões da Escola. O professor Edgard Sussekind de Mendonça, conhecido técnico de educação patricio é um dos entusiastas da “Escola Regional”. Ele, além de orientador pedagógico é o secretário da Fundação. Cumprimentou-nos, sorridente, apresentou-nos o engenheiro Galileu Antenor de Araújo, o autor dos projetos dos pavilhões recém-inaugurados, e chamou à nossa atenção para o carinho com que um professor da Orquestra Sinfônica Brasileira dirigia as crianças. O sr. Joaquim Gonçalves de Lima, deixa a sua residência na capital, viaja essa distância imensa, todas as semanas, para prestar a sua colaboração na obra educativa para o povo [...] (A MANHÃ, 7 jul. 1948, p. 7).

Esse jornal continua sua matéria falando da Escola. É relevante ressaltar a importância desse documento, pois ele expressa como era a vida na escola. Assim, contribuiu para a construção da história da Escola Regional de Merity.

[...] Da Janela, contemplávamos o grande salão, utilizado como auditório repleto de famílias e de crianças, que iniciando os trabalhos, recebiam os seus prêmios de mérito na vida colegial. Tivemos a impressão perfeita do que é uma “escola ativa” e sentirmos as razões dos elogios a ela feitos, em suas obras, pelos pedagogos Anízio Teixeira, Delgado de Carvalho, Lourenço Filho e outros. Aquela era de fato uma casa para o povo. É difícil, no entanto, á primeira vista, acreditar-se que um programa de tão vastas proporções, esteja

sendo feito somente com o trabalho abnegado do corpo docente e pequenas contribuições individuais.

Realmente, a instrução não é um privilégio dos ricos, quando a Saúde, a Alegria, o Trabalho e a Solidariedade dos homens, se associam pelo bem comum (A MANHÃ, 7 jul. 1948, p. 7).

Essas informações encontradas no jornal encontram-se com as que o Relatório Anual oferece, principalmente sobre as atividades de canto orfeônico e carpintaria (ALBERTO, 1948).

O periódico *O Jornal* também anunciou o programa de ensino da Escola Regional de Merity, dividido em quatro segmentos: nos três primeiros se aprendiam linguagens, desenho, cálculo, jogos e cânticos infantis, Geografia e História brasileira, tudo indo ao encontro do modelo da Escola Nova. Já no quarto segmento, os trabalhos eram voltados para a oficina, permanecendo, assim, a instrução mais técnica. Além disso, havia excursões para os jardins públicos, aos museus, em todo o Rio de Janeiro (O JORNAL, 7 jul. 1927).

As informações sobre a Escola, suas atividades e o que estava sendo desenvolvido ali, começaram a circular no meio carioca. Ao ler um dos relatórios da Escola Regional, Carlos Drummond de Andrade escreveu a seguinte crônica intitulada “Uma escola viva”:

Se os relatórios burocráticos são sempre envoltos numa camada de tédio, há outros, os escolares, que podem oferecer-nos a sugestão dos documentos sociológicos e mesmo o interesse dos romances. Contar a vida de uma escola, durante um ano, tarefa que deveria seduzir o escritor, ou despertar em quem não o fosse o desejo de sê-lo, porque nada há mais vivo e rico de humanidade, mais cheio de problemas e sugestões, do que o funcionamento da comunidade escolar. Mas há escolas que chamam, que continuam a chamar, na indiferença geral, não só os pais como todos os homens [...] Escolas teimosas, que querem vir até nós, já que não vamos até elas. Entre estas, figura a Escola Regional de Meriti, que há dezoito anos funciona em Caxias e é uma pequenina e grande casa devotada à educação do povo nas suas camadas mais singelas. Todos os anos, o trabalho escolar é passado em revista e miudamente analisado em seus êxitos e falhas. Estabelecimento mantido por uma fundação e situado em zona rural recebe os filhos de pequenos lavradores e trabalhadores da cidade, aos quais dá ensino primário e doméstico

e as primeiras noções de ensino industrial, dentro das possibilidades e interesses da região (DRUMMOND DE ANDRADE, 1945, p. 7).

Antes de entrar nos aspectos dos relatórios anuais produzidos dentro da Escola Proletária de Merity, é necessário um panorama sobre o que era a Escola e a sua principal idealizadora: Armanda Álvaro Alberto.

Armanda nasceu no ano de 1892, na cidade do Rio de Janeiro, oriunda de uma elite familiar, filha de Maria Teixeira Mota e Silva e do cientista Álvaro Alberto Silva, tendo como único irmão, Álvaro Alberto Mota da Silva, figura extremamente importante em sua vida. Signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, uma educadora que fez parte da Aliança Nacional Libertadora (ANL), Associação Brasileira de Educação (ABE) e da União Feminina do Brasil (UFB), e que junto com diversos intelectuais e colaboradores, implanta um sistema de educação inovador naquela localidade, unindo educação e saúde, fortalecendo assim o corpo e mente. Ela cria um “celeiro” de experiências e ideais revolucionárias, a Escola Proletária de Merity, que nasce em 13 de fevereiro de 1921, no seio da Baixada Fluminense, na Vila de Merity, hoje Duque de Caxias (RJ).

A Escola Proletária, adotando métodos e referências do escolanovismo, embarca no ensino regional como parâmetro de ensino e ações para as suas práticas no dia a dia, servindo, assim, como referência pedagógica para outras instituições escolares no Brasil e na América Latina. Um dos seus principais projetos é a alimentação gratuita das crianças que ali estudavam, fruto de diversas doações de moradores da região e da sua própria horta escolar, da qual seus alunos participavam ativamente, desde o plantio até a colheita. É com essa experiência que a Escola fica reconhecida carinhosamente na região como Escola Mate com Angu. O projeto em seu molde original se encerra no fim do ano de 1964, pela não aceitação da incorporação da mesma na rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, por ser considerada uma “escola de comunistas”.

A construção de uma rede de apoiadores que compartilhavam do mesmo ideal educacional se fez necessária para qualquer ambição de continuidade da Escola. À primeira vista, parece simples, basta apenas organizar as pessoas que desejam apoiar um projeto pedagógico e ir dirigindo a Escola, porém, fica evidente que a construção dessa rede foi muito mais complexa e isso se fez refletir nos relatórios anuais.

A proposta de uma escola diferente do modelo tradicional, não seguindo nenhum modelo definido (ALBERTO, 1968), fez com que

Armanda criasse uma escola deslocada do seu tempo, e que nas palavras de Lourenço Filho, foi a “mais completa experiência de educação renovada pela intenção socializadora” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 176).

É fato que uma criação complexa, como uma escola, não vem do acaso, é preciso além do desejo de criar, a necessidade para aquele fim. Porém, antes da criação, é preciso ter o desejo, o sonho da transformação de algo, que, antes sem vida, se torna o sentido da sua existência. E é dos sonhos que acontecem as realizações, e é assim que o funcionamento da Escola Proletária de Merity, em um prédio improvisado que logo iria para outra instalação projetada por Lúcio Costa, sem fins lucrativos, totalmente gratuita para os moradores daquela localidade, sendo mantida apenas pelo fruto de doações de amigos e simpatizantes da causa educacional inovadora e também, em grande parte, das doações feitas pela fábrica Rupturita e comerciantes locais (SILVA, 2002; MIGNOT, 2002).

Nesse sentido, para divulgar as ações que ocorriam, é criada a figura dos relatórios anuais. No começo, um instrumento distribuído para todos os colaboradores e aqueles com a curiosidade de acompanhar as atividades da Escola, porém o instrumento se transformou em um documento que conta a construção das atividades pedagógicas que ocorriam no chão da escola.

Ir ao encontro dos relatórios da Escola Proletária de Merity é ir a uma temporalidade que ficou no passado a ao silêncio que, muitas vezes, faz parte da memória, no sentido que é preciso buscar elementos para completar a teia de memórias. Trata-se de visitar o “inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos” (LE GOFF, 1996, p. 109). A memória da fonte não tem como enfoque exclusivo a figura de Armanda ou os acontecimentos exclusivamente da escola, mas abarca diversos elementos construídos e que ajudaram a construir essa memória, que ajuda a “desvendar e construir caminhos na memória documental” (FERREIRA, 2015, p. 2).

Os Relatórios Anuais da Escola Proletária são documentos históricos que ajudam a compreender como era o dia a dia da escola. Atualmente, se encontram no PROEDES da UFRJ, no Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias - CEPEMHed e no Instituto Histórico, instituição que se localiza no subsolo da Câmara Municipal de Vereadores do município de Duque de Caxias (RJ). São documentos datilografados pela própria Armanda Álvaro Alberto, com uma descrição rica em detalhes, entre eles, a quantidade de alunos que

passaram pela escola ao logo do ano e índice de faltas; atividades pedagógicas introduzidas ao longo do ano; atividades como visitas de campo, ou aulas-passeio; atividades desenvolvidas pelos alunos, como a oficina de carpintaria; as visitas domiciliares por parte da professora visitadora, função criada por Armanda em 1924; a situação de saúde e doença por parte de seus alunos, entre outras descrições.

Podem ser comparados os relatórios anuais a um portfólio pedagógico, porém mais descritivos, leves e soltos. Esse material era enviado aos colaboradores da escola, para que estivessem informados de como estava o andamento da escola, no ano que se encerrava. Porém, os relatórios não somente serviam como mecanismo de informação, mas sim de compartilhamento, de incitação para aqueles que acompanhavam o trabalho.

Ao analisar os relatórios anuais, fica clara a profundidade de suas práticas pedagógicas, por isso, é muito importante transcrever um dos relatórios da escola, de modo que seja possível captar seus processos significativos; sempre se “deve analisar sob todos os ângulos possíveis o objeto colocado como centro de uma investigação, para evitarem-se os enganos” (PRADO, 2016, p. 124). Precisa-se compreender o cunho que carregava esse documento e todo o seu conteúdo:

A ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY NO ANO DE 1921

Inaugurada a 13 de fevereiro deste ano, a nossa Escola conta hoje dez meses e doze dias de existência. Nos primeiros dias de julho passou-se do prédio em que fora inaugurada para este, mais espaçoso. Relativamente aos modestos recursos de que dispomos, não tem sido infrutífera a tentativa de fundar uma escola nos moldes desta. Se sofreremos alguns desapontamentos, devem antes ser atribuídos à nossa inexperiência em certas questões, tato maior quanto não temos sob os olhos nenhum modelo a seguir. Não obstante, passada essa fase de formação, de adaptação ao meio, estamos certos, nós e os nossos companheiros de Comitê, que a Escola se desenvolverá normalmente. Tanto a nossa atitude é ainda de quem não atingiu a sua meta – que o nome definitivo, Escola Álvaro Alberto, em homenagem à memória do Dr. Álvaro Alberto da Silva, seu Patrono, só lhe será conferido quando a virmos mais próxima do tipo que idealizamos. Esforçamo-nos por que venha a ser uma acabada escola regional; afeiçoada pelo seu próprio meio é que será capaz de reagir eficazmente sobre ele (ALBERTO, 1921, p. 2).

Mesmo com um corpo de educadores, fica evidente neste primeiro trecho a dificuldade de se montar uma escola, sem ajuda estatal e nos moldes da proposta escolanovista. Outro ponto a ser levantado é o desejo de mudança do nome da escola que começa com Escola Proletária de Merity e, assim que tivesse o seu modelo pedagógico consolidado, passaria a se chamar Escola Álvaro Alberto, fato que só ocorreu no ano de 1964, com a entrega da escola para o Instituto Central do Povo.²

Outra questão nesse fragmento do documento é a força que o regionalismo tem para a Escola, fazendo com que a mesma se transforme de acordo com as necessidades e as peculiaridades da sociedade na qual estava inserida. Tinha-se uma noção de que a escola só teria sucesso, que o seu projeto de educação só teria êxito, se tivesse entrelaçado com a vida dos meritienses, pois, uma escola deslocada da realidade, da situação que aquela população passava todos os dias, certamente estaria no caminho do fracasso, no sentido de uma educação emancipadora ou seguiria para um ensino tradicional, nos moldes que já se seguia no País.

A ajuda externa, de uma rede de colaboradores também ficou registrada na continuidade do relatório:

OS QUE NOS AJUDARAM

Desde a sua fundação, que esta Escola tem sido amparada pela simpatia ativa de um grupo de pessoas e entre elas, é grato dizer, algumas crianças cedo solidárias com as suas irmãzinhas pobres. Elisabeth Otero, Lucy Hentz e outras alunas do Curso Jacobina, a cuja boa vontade devemos a quase totalidade do que temos nas coleções de História Natural, são essas pequeninas benfeitoras. À Liga Brasileira Contra o Analfabetismo, às Sras. Professoras Corina Dameiros e Maria dos Reis Santos, Srta. Lizinha Pereira Pinto, Sras. Laura Brandão, Maria Gomes, Antonia Venâncio, Vva. Álvaro Alberto e Therezita Álvaro Alberto, aos Srs. Profs. Fonseca e Silva, Dr. Ernesto Otero, Comte Álvaro Alberto da Silva e Prof. Edgar de Mendonça – o nosso profundo reconhecimento. O que cada um tem feito pela nossa Fundação, pode verificar-se no anexo a esta resenha – Donativos.

Um oferecimento sobremaneira valioso foi-nos feito ultimamente do Prof. Roquette Pinto prontificando-se a classificar os exemplares da coleção de Zoologia do nosso incipiente museu escolar. Breve nos valeremos da bondade do eminente cientista. Outro cientista

ilustre não indiferente a esta casa é o Prof. Pacheco Leão, a quem devemos 160 mudas de árvores diversas e a promessa de uma completa coleção botânica por ocasião da reabertura das aulas.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A Sra. D. Rosa Dufrayer de Oliveira a Escola Proletária deve inestimável auxílio: o ter-lhe servido gratuitamente durante cerca de oito meses – e isso justamente na época cheia de incertezas dos primeiros tempos de sua vida. Aqui se registra a nossa gratidão.

O COMITÊ DE AUXÍLIO E AS PROFESSORAS

O Comitê de Auxílio, constituído de dois membros, Dr. Francisco Venâncio e Comte. Coriolano Martins, tem auxiliado deveras a Diretora, quer como órgão consultivo, quer materialmente. Sem a dedicação do Comitê, esta Escola não estaria, como está, segura do seu destino. Mais uma vez, quanto à ajuda material, a lista de donativos confirma as nossas palavras. Duas professoras, por enquanto, têm bastado às necessidades do ensino neste estabelecimento, visto não haver grandes diferenças de adiantamento na massa dos alunos. Nenhum passou ainda, em todas as matérias, do primeiro grau do curso. D. Rosa Dufrayer de Oliveira, que vinha dirigindo a aula adiantada, foi substituída em começos de outubro, pela Srta Nair Lopes. A aula atrasada tem estado a cargo de D. Laura Maia, que tem obtido resultados satisfatórios, apesar do elevado numero de crianças no seu cuidado. Agrada-nos imenso fazer aqui uma referência ao modo carinhoso com que essa professora trata os seus alunos, que, do seu lado, pagam com afeto grande o carinho recebido (ALBERTO, 1921, p. 2-3).

Nesses três tópicos destinados a agradecimentos aos colaboradores e às colaboradoras, fica assentada que a participação ativa na escola não era exclusiva de educadores ou pessoas ligadas à educação. Havia a necessidade de participação da comunidade por ser uma escola viva, que não era uma mera reprodutora de conteúdos; as crianças iriam com o único objetivo de aprender a ler e a escrever, algo que, devido à realidade da população, já era uma grande conquista e objetivo alcançado; não poderia ser exclusivamente para tal efeito, o museu escolar, as aulas de botânica e de zoologia são prova de que o ensino era mais amplo que o tradicional oferecido pela rede regular vigente.

Pensar nos relatórios é pensar em uma cronologia já definida por quem os escreveu, no caso, Armanda Álvaro Alberto; além das informações ali inseridas, “pode ser considerado como instrumento de análise e/ou de intervenção no campo institucional e educativo” (EL HAMMOUTI, 2002, p. 16).

O que cabe destacar é que os relatórios também possuíam as informações negativas e os insucessos ao longo do ano. O que nos faz acreditar que as informações ali situadas condizem com a realidade dada no passado da escola:

[...] Terminemos este capítulo desagradável aludindo à questão da casa, que muito nos tem preocupado. Depois de termos executado benefícios não pequenos nesse prédio, que ocupamos há seis meses, o senhorio acaba de fazer novas exigências. Que a firma mantenedora da Escola resolva a respeito. Aliás, consigne-se aqui que tem um dos membros da Firma propomos adquirir por sua conta um prédio para a Escola, o que não aceitamos por não sabermos ainda se é de fato Merity a localidade que convém aos nossos intuitos. Estamos estudando este meio – e o resultado de nossas observações constituirá capítulo à parte, que em pouco tempo apresentaremos ao Comitê [...] (ALBERTO, 1921, p. 4).

Nos relatórios anuais, Armanda apontou a evasão e a não conclusão do ciclo escolar. No relatório anual de 1924, demonstrou a realidade da região: nenhuma criança que ingressou no começo do projeto da escola, em 1921, chegou em 1924 ao fim do ciclo. “Os trabalhos domésticos, as fábricas e os ateliês eram os principais destinos destas crianças” (ALBERTO, 1924, p. 3), é aqui que se levanta o ponto que deve ser abordado: o de que, dentro da instituição, não existiam castigos físicos e era abolida a utilização de notas ou provas.

É possível encontrar nos relatórios anuais os que mais se destacaram. Rompia-se, assim, a meritocracia tradicional das escolas da época; não era o resultado nas provas que decidia quem se destacava, mas sim o voto escolar (ALBERTO, 1922). A Escola Proletária acabou se tornando diferente, pois levava em consideração as vulnerabilidades sociais desses alunos (CASTRO & ABRAMOVAY, 2002, p. 144), isto é rompia a hierarquização do saber; era uma escola que tinha a criança como centro e, neste caso, crianças sem direito à educação ou aos diversos serviços básicos que eram deveres do Estado.

Nos relatórios de 1922, fica clara a utilização de provas com o objetivo de acompanhar a evolução dos(as) alunos(as), aqueles(as) que não obtiveram sucesso nesse tipo de avaliação continuariam seguindo o plano de estudo, porém estudariam também a matéria em que não tivessem um bom aproveitamento.

[...] Embora defiram largamente dos exames em uso em nosso meio, ainda é a contra gosto que adaptamos a prática das provas este ano realizadas duas vezes, em maio e novembro/dezembro. Não podendo acompanhar dia a dia a evolução de nossos alunos, o que dispensaria com vantagem o exame... Enquanto esperamos essa época de definitiva organização da Escola, as provas para a passagem de turma vão-se fazendo sem notas, prêmios ou reprovações. Demais como o aluno pode pertencer a diversas turmas, conforme o grau de adiantamento de cada matéria, não se sente diminuído em se retardar nesta ou naquela turma (RELATÓRIO ANUAL, 1922, p. 8).

Ao longo dos anos, os(as) alunos(as) continuaram a ser submetidos a provas externas; entretanto, continuavam a ter excelentes notas, como foi no ano de 1938, em que Waldir Siqueira Lobo e Manuel Moura obtiveram o grau 100, logo a nota máxima; Argemiro Ribeiro³ com o grau 95; Ruth de Souza o grau 90 (RELATÓRIO ANUAL, 1938). Esses(as) alunos(as) concluíram todo o ciclo escolar possível na Escola. A Escola efetivamente só participou de provas externas no ano de 1937. O Departamento de Educação foi o aplicador dos testes. Todos os quatro alunos tiveram resultado satisfatório.

Toda essa movimentação de informações sobre a Regional de Merity despertou o interesse de outros profissionais ligados à educação brasileira e até mesmo dentro das Américas. A Escola Regional de Merity não manteve as suas atividades pedagógicas apenas entre seus muros. O anseio de uma educação com qualidade era o pensamento de Armanda Álvaro Alberto, que não poderia ficar apenas naquele espaço, pois a Regional era um laboratório educacional para os ideais que preconizavam o modelo escolanovista no Brasil.

Em uma profunda análise, os relatórios anuais, distribuídos entre os mais diversos segmentos, contribuíram significativamente para a manutenção da Escola e o elevado número de colaboradores. Com uma gama de informações, os relatórios serviram como fontes primárias, secundárias e

até terciárias, dependendo da informação que se buscava, ratificada pelas inúmeras fotografias, comprovando as ações que se realizavam na Escola. Esse documento se mostrou o caminho pelo qual Armanda dialogava com a sua rede de colaboradores, indicando suas demandas, sucessos, fracassos e em que poderia melhorar ou aprimorar, determinando suas ações, de acordo com suas necessidades.

Considerações finais

Os Relatórios Anuais, distribuídos entre os mais diversos segmentos, contribuíram significativamente para a manutenção da Escola e o elevado número de colaboradores. Com uma gama de informações, os relatórios serviram como fontes primárias, secundárias e até terciárias, dependendo da informação que se buscava, ratificada pelos jornais, comprovando as ações que se realizavam na Escola. Esse documento se mostrou o caminho pelo qual Armanda dialogava com a sua rede de colaboradores, indicando suas demandas, sucessos, fracassos e em que poderia melhorar ou aprimorar, determinando as suas ações, de acordo com suas necessidades.

O escolanovismo, representado pelo regionalismo, ali não era alienante, se apresentam elementos de busca pelo saber, pela mudança social, pelas causas populares, uma mudança que partiu do micro para o macro. A própria população do entorno da Escola não era passiva, não aceitava qualquer condição para a educação, fato que fez com que a Regional de Merity se moldasse aos anseios da região ao longo dos anos, como se é revelado nos relatórios anuais.

Revelou-se que os diversos concursos, ações, como a oficina de artes manuais e o Círculo das Mães, tiveram papel tanto na mudança social quanto na transformação da mentalidade das pessoas. Lá, a educação não foi horizontal, apenas proposta pela intelectualidade que dirigia a Escola. Momentos de tensões percorreram a convivência da população de Merity, desconfiada pelo projeto que se iniciava ali, mas que, aos poucos, compreendeu que o que se fazia eram em prol da população da região, como a professora visitadora, a farmácia escolar e as noções de higiene e saúde que eram empregadas.

Armanda certamente merece um papel maior dentro do bojo da história educacional brasileira, mesmo com as recentes pesquisas sobre a sua vida e a sua obra dentro da educação, algumas lacunas ainda persistem em não serem preenchidas. Preliminarmente, dentro do campo pesquisado,

ela se mostrou uma educadora que foi mais de ação do que teorização, seu espaço de trabalho não possuía uma fórmula pronta, mas não tinha improvisação, apenas adaptação, isso manteve todos os sonhos vivos, seus sonhos educacionais.

A história da escola onde toda essa transformação, baseada no regionalismo como princípio pedagógico, nos pilares de *saúde, alegria, trabalho e solidariedade*, também merece destaque na historiografia brasileira. Uma escola que nasce Proletária, transforma-se em Regional, mas que fica conhecida como “Mate com Angu”, marca da sua própria pedagogia, a de que só se poderia ensinar a uma criança, quando ela estivesse alimentada e com saúde; também merece um estudo aprofundado, com o retorno ao regionalismo com aquelas características que eram da própria região, principal forma para a compreensão da realidade local, compreendendo que a educação não é neutra, nem o seu conjunto de ações.

É imprescindível que se faça uma reflexão mais aprofundada a respeito de todo o processo pedagógico que a Escola conseguiu exercer ao longo de quase 44 anos do seu molde original; além disso, uma busca refinada de todas as escolas que sofreram influência direta ou diretamente da experiência que estava sendo trabalhada naquele espaço. Um estudo aprofundado sobre essa rede de iniciativas escolares pelo Brasil poderá trazer resultados significativos para a historiografia educacional brasileira, principalmente no campo da História da Educação.

Notas

¹ A palavra *depositário* aqui tem o sentido de guarda. No meio jurídico, significa aquele que guarda um documento de valor e que nele se encontra a responsabilidade de preservação, conservação e cuidado com o devido documento, aplicando a ele todas as possíveis sanções criminais. Quando um documento, arquivo ou acervo é destruído por falta de cuidado, ou até mesmo propositalmente, seja ele na escola ou como o que aconteceu no Rio de Janeiro, no Museu Nacional, em 2 de setembro de 2018, ocorre um verdadeiro crime de lesa-pátria.

² Criado pelo reverendo Hugh Clarence Tucke em 1906 no Morro da Providência,

o Instituto Central do Povo tinha como seu principal objetivo a alfabetização dos trabalhadores, principalmente do Cais do Rio. Se antes, a alfabetização era para auxiliar a leitura da Bíblia, passou a ser uma questão social, como outras campanhas empregadas pelo ICP como a campanha contra a febre amarela e a tuberculose e a criação do primeiro consultório de higiene infantil do Brasil (REILY, 1980).

³ Um fato interessante sobre este aluno é que, depois de uma minuciosa pesquisa, pode-se constatar que o mesmo virou fotógrafo e escritor da Revista Caminhos Gerais.

Referências

- ALBERTO, Armanda Álvaro. *A escola regional de Meriti*. Rio de Janeiro: INEP-MEC, 1968.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma escola viva. *Folha Carioca*, 15 jan. 1945.
- BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. *Uso e mau uso dos arquivos*. Fontes históricas, 2005.
- BIRMAN, Joel. *Arquivo e mal de arquivo: uma leitura de Derrida sobre Freud*. Nat. hum. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-128, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151724302008000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 jul. 2019.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. *Cadernos de pesquisa*, n. 116, p. 143-176, 2002.
- EL HAMMOUTI, Nour-Din. Diários etnográficos profanos na formação e pesquisa educacional. *Revista europea di etnografia dell'educazione*, v. 1, n. 2, p. 9-20, 2002.
- FERREIRA, Elenice Silva. A memória como objeto de análise e como fonte de pesquisa em História da Educação: uma abordagem epistemológica. *Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio Belo Horizonte*, América do Norte, 2015.
- FURTADO, Alessandra Cristina. Os arquivos escolares e sua documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. *InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação*, v. 2, n. 2, p. 145-159, 2011.
- KIRSCHNER, T. A reflexão conceitual na prática historiográfica. *Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília*, v. 15, n. 1/2, p. 49-61, 2008. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/textos/article/view/5752/4759>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *A história deve ser dividida em pedaços*. Trad. de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *O que você precisa saber sobre História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Introdução ao estudo da escola nova*. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, M. T. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. *Revista Educação em Questão*, v. 25, n. 11, p. 40-61, 15 abr. 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- PRADO, Eliane Mimesse. A importância das fontes documentais para a pesquisa em história da educação. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFMS*, v. 16, n. 31, 2016. Disponível em: <http://desafioonline.ufms.br/index.php/intm/article/view/2444>. Acesso em: 5 jul. 2019.
- REILY, Duncan A. Os metodistas no Brasil (1889-1930). *Estudos Teológicos*, v. 20, n. 2, p. 100-122, 1980.

RIBEIRO, Marcus Venício Toledo. Os arquivos das escolas. In: NUNES, C. *Guia preliminar de fontes para a história da educação brasileira*. Brasília: Inep, 1992.

SAVIANI, Dermeval. *Breves considerações sobre fontes para a história da educação*. Fontes, história e historiografia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, p. 3-12, 2004.

SILVA, Vilma Correa Amancio da. *Um*

caminho inovador: o projeto educacional da Escola Regional de Merity (1921-1937). 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 10, p. 71-73, 2005.

FONTES PRIMÁRIAS

ALBERTO, Armanda Álvaro. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY. A Escola Proletária de Merity, no ano de 1921.

_____. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY. A Escola Proletária de Merity, no ano de 1922.

_____. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA PROLETÁRIA DE MERITY. A Escola Proletária de Merity, no ano de 1924.

_____. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI. A Escola Regional de Merity, no ano de 1927.

_____. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI. A Escola Regional de Merity, no ano de 1938.

_____. RELATÓRIOS ANUAIS DA ESCOLA REGIONAL DE MERITI. A Escola Regional de Merity, no ano de 1948.